

PROGRAMA DE FORMAÇÃO
Organização Anarquista Socialismo Libertário (OASL)
Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)

MODULO I

IDEOLOGIA ANARQUISTA

Curso 1: O que é Anarquismo

- Nicolas Walter. “O que é Anarquismo”.
- Errico Malatesta: “Anarquia e Anarquismo”.

Curso 2: Anarquismo Social

- FARJ. “Anarquismo Social”.
- Murray Bookchin. “Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida – Excertos”.
- Frank Mintz. “Anarquismo Social – Excertos”.

Curso 3: Ideologia, Teoria e Anarquismo

- FAU. “Huerta Grande”.
- FAU. “O que é Ideologia?”

CURSO 1

O QUE É ANARQUISMO

O QUE É ANARQUISMO?

Nicolas Walter

O anarquismo é a ideologia dos anarquistas; os anarquistas são os partidários da Anarquia; a Anarquia (do grego “anarkhia”) é a ausência de governo, a ausência de autoridade instituída, a ausência de chefes permanentes num grupo humano.

Pode-se interpretar a Anarquia de modo negativo ou positivo. Ela é amiúde condenada sob o pretexto de que conduz ao caos, que a liberdade depende da autoridade, que a sociedade depende do Estado, que a ordem depende de outras ordens, as regras de governantes e a lei de legisladores. Ela pode, bem ao contrário, ser positivamente esperada, pois permitiria à sociedade libertar-se do jugo do Estado e à humanidade da autoridade, ao mesmo tempo encorajando a espontaneidade, a autogestão, o apoio mútuo e a liberdade autêntica. O anarquismo é a teoria política do que denominaremos anarquia positiva.

UMA ANTIGA IDÉIA

Comportamentos favoráveis à Anarquia existiram durante mais de dois mil anos, e muito antes que surgisse o Anarquismo. Escritores dissidentes da Grécia e da Roma antigas, da China e da Índia antigas condenaram a autoridade e reivindicaram a Anarquia. Mais próximo de nós, autores como William Godwin, em 1793, ou Max Stirner, em 1844, por exemplo, refletiram sobre a Anarquia. Movimentos insurrecionais e comunidades utópicas, no transcurso da história, aboliram as formas tradicionais de governo sem adotar novas, ao menos durante um tempo. Experiências marcantes foram iniciadas na Europa e na América nos séculos XVIII e XIX. Mas a evolução da teoria e das práticas anarquistas no seio de uma ideologia anarquista permanente dependiam de uma estreita adequação entre as idéias e os atos.

A IDEOLOGIA ANARQUISTA TEM POR BASE QUATRO ASSERÇÕES:

- científica: a sociedade pode existir sem governo;
- estética: a sociedade seria melhor sem governo;
- ética: teríamos interesse em trabalhar para construir uma sociedade sem governo;
- tática: vale mais enfraquecer a autoridade hoje do que amanhã.

O MOVIMENTO ANARQUISTA ESTÁ ASSENTADO SOBRE QUATRO ELEMENTOS:

- econômico: contra o monopólio da propriedade;
- político: contra o monopólio da autoridade;
- social: pela construção de uma sociedade tendo por base a liberdade, a igualdade e a fraternidade autênticas;
- individual: pela supressão da autoridade nas relações cotidianas.

A ideologia anarquista desenvolveu-se no contexto dos movimentos revolucionários, na Europa e na América do Norte, indo do século XVII ao XIX. O movimento anarquista nasceu das revoluções que ocorreram na França de 1789 a 1871, e da ascensão, paralelamente, dos movimentos socialistas na Europa ocidental. Quando das revoluções inglesa, americana e francesa, os revolucionários mais

radicais opuseram-se ao Antigo Regime, mas igualmente ao novo. Eles reivindicaram, para aqueles que constituíam a classe mais pobre e mais numerosa, a emancipação de toda forma de opressão. Eles foram condenados e os rejeitaram tratando-os de anarquistas. Enfim, alguns deles decidiram adotar essa denominação, mas num sentido positivo.

Em 1840, Proudhon foi o primeiro a reivindicar a denominação “anarquista” e, durante o período revolucionário, indo de 1848 a 1851, outros escritores franceses seguiram seu exemplo, e até mesmo foram mais longe em suas atitudes. Foi somente por volta de 1870 que emergiu um movimento anarquista, em consequência da cisão ocorrida no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.) entre partidários de Marx e de Bakunin. As seções antiautoritárias reivindicaram o coletivismo, mas os marxistas os expulsaram da A.I.T. Tratando-os de anarquistas. Vários congressos internacionais, a partir de 1880, ratificaram a cisão com o restante do movimento socialista.

ANARQUISMO(S)...

A teoria anarquista, como tal, impregnou-se duplamente das teses igualitárias do socialismo e das teses libertárias do liberalismo. Os debates relativos ao anarquismo concerniram, de início, os exilados franceses da Comuna de Paris, mas exilados de outros países juntaram-se a eles. Foi na Suíça francófona que surgiu esse movimento dissidente, para ampliar-se, em seguida, na França, mas igualmente em outros países da Europa, América e Ásia. Reencontrar-se-á, mais tarde, com o anarco-sindicalismo, essa influência francesa, bem como no seio de outras correntes, tal como o situacionismo derivado de uma mescla de crítica cultural e de um marxismo dissidente.

Apareceram diversas variantes do anarquismo em seguida, mas as diferenças entre elas são tão importantes que seria mais exato falar de vários anarquismos. De início, o anarquismo era uma forma de socialismo embasado na organização da classe operária, rural e urbana, trabalhando para uma revolução social e política, que repousava sobre a insurreição de massa e a destruição violenta do sistema existente. Rejeitando a democracia parlamentar ou a ditadura de um partido político, ele buscava estabelecer uma sociedade livre e igualitária, na qual o governo dos homens fosse substituído pela administração das coisas, e na qual o Estado fosse voluntariamente abolido em vez de ser abandonado à sua ruína.

Essa variante do anarquismo foi no início coletivista, contemplando a posse comum dos instrumentos de trabalho, mas a repartição individual dos frutos deste último dava-se de acordo com o princípio “de cada um segundo suas capacidades a cada um segundo seus meios”. Ela logo se tornará comunista, preferindo a posse e a administração comuns de toda a economia, e terá por base o princípio “de cada um segundo suas capacidades a cada um segundo suas necessidades”. O comunismo anarquista, que se tornou a tendência mais importante no seio do movimento anarquista organizado, tentou propagar as idéias e as ações anarquistas para além da luta pela emancipação da classe operária rumo à liberação da sociedade em seu conjunto, incluindo mulheres e crianças, educação e cultura, crime e dissidência.

... O ANARQUISMO É MÚLTIPLO

O anarco-sindicalismo, que emergiu – por um retorno às origens socialistas do anarquismo e por uma maior influência das tendências libertárias no seio do movimento sindicalista revolucionário –, recentrou-se sobre o mundo do trabalho, dando prioridade aos métodos de luta no local de trabalho, às formas de ação direta, à estrutura dos sindicatos operários e à reestruturação da sociedade pela reorganização do trabalho. Malgrado isso, continuavam sempre a existir fortes tendências

favoráveis ao mutualismo, que preferiam manter empresas cooperativas de pequeno tamanho – em vez de desenvolver uma indústria e uma agricultura coletiva em grande escala – tudo isso ajudado por uma distribuição descentralizada. Essas tendências não eram necessariamente favoráveis à abolição revolucionária da autoridade ou da propriedade, nem a orientar-se rumo ao coletivismo ou ao comunismo. Elas preferiam uma realização da vida libertária no âmbito de comunidades ou de pequenos coletivos independentes numa escala global da sociedade.

No mesmo período existiam igualmente, no seio do movimento socialista revolucionário, fortes tendências favoráveis ao comunismo dos conselhos, isto é, uma forma de organização na qual os componentes da sociedade seriam administrados por conselhos igualitários e libertários. Supunha-se, após a revolução social, que todos os componentes da sociedade, em qualquer nível que fosse, estariam religados entre si segundo os princípios federalistas, sem hierarquia nem burocracia; que as discussões seriam conduzidas por delegados revogáveis em vez de representantes permanentes; que as decisões seriam tomadas por livre consentimento com base num consenso geral em vez de uma imposição legal segundo um voto majoritário.

NEM DEUS NEM AMO... NEM EGOÍSMO

Sempre houve uma tendência muito forte no seio do anarquismo voltada para o individualismo que não se preocupava tanto com a emancipação da sociedade do Estado, mas com a do indivíduo em relação à sociedade. Isso podia ir inclusive até uma glorificação do ego voltada para o egoísmo ou para uma rejeição negativa do mundo exterior orientando-se para o niilismo. Essas duas últimas tendências foram componentes ocasionais de algumas variedades de anarquismo.

Existiu no seio do anarquismo, bem como do socialismo ou do liberalismo, polaridades constantes. A maioria dos anarquistas rejeitou serenamente ou atacou ruidosamente a religião, e inúmeros foram aqueles que efetuaram seus primeiros passos rumo ao anarquismo com uma rejeição das crenças religiosas de seu meio familiar. Entretanto, sempre existiram alguns anarquistas religiosos, e é verdade que as comunidades libertárias mais eficazes tinham amiúde antecedentes ou bases religiosas.

A maioria dos anarquistas condenou a utilização da violência como sendo a expressão extrema da autoridade, mas muitos foram aqueles que aceitaram o princípio da existência inevitável da violência como um dos elementos de toda mudança radical nas sociedades humanas. Alguns aclamaram a violência como arma essencial na luta contra a força armada do Estado. Os anarquistas, assim como os socialistas, trabalharam em geral pela organização de grupos e pela propaganda oral e escrita. Mas alguns anarquistas, bem como alguns socialistas liberais, preferiram a propaganda pelo fato, perpetrando ações espetaculares e exemplares (manifestações, insurreições, sacrifícios de si), e até mesmo assassinato a fim de dramatizar a mensagem da luta e simbolizar o objetivo da revolução libertária. Esta última palavra, que surgiu como um eufemismo para anarquista, tornou-se em seguida um termo implicando um grau de moderação e, mais tarde, assumiu o sentido de partidário de uma variedade direitista do anarquismo, ou anarco-capitalismo, no qual o elemento socialista tinha sido completamente apagado.

APOTEOSE ESPANHOLA E LONGO SONO

O movimento anarquista de origem, isto é, a forma libertária do socialismo presente no seio do movimento operário ao final do século XIX, era forte sobretudo nos países latinos do sul da Europa ocidental e, mais tarde, em diversos países da América Latina. Em seguida, disseminou-se nos países eslavos da Europa do leste, e em particular na Rússia czarista, nos países sob influência

germânica da Europa Central e do norte, nas ilhas gregas, na América do Norte, na Grã-Bretanha e em algumas partes do Império britânico, mais tarde, na China e no Japão.

O “partido” anarquista foi quase sempre muito mais reduzido do que seus outros rivais socialistas, revolucionários ou parlamentaristas, exceto em alguns países onde desempenhou um papel importante na história da esquerda; notadamente na França, na Itália e na Espanha, durante as décadas que precederam a Primeira Guerra Mundial, nos Estados Unidos durante os anos 1880, na China e no Japão no início do século XX, em vários países da América Latina entre as duas guerras mundiais, e no México, na Rússia e na Espanha durante suas revoluções, de 1910 a 1939.

O ponto culminante do anarquismo militante situa-se durante a Revolução Espanhola, durante a guerra civil de 1936-1939, onde grande parte da agricultura e da indústria, na região nordeste do país, foi controlada por coletividades anarco-sindicalistas. Mas como na maioria dos casos, esse sucesso anarquista foi a presa de inimigos claramente identificados da direita tanto quanto de inimigos camuflados da esquerda. Houve um leve sobressalto do anarquismo durante os anos 1950-1960, do mesmo modo que uma breve retomada da atividade militante quando do movimento estudantil, notadamente na França em 1968, mas este foi efêmero como a juventude. Contrariamente às idéias recebidas, o anarquismo teve pouco a ver com os episódios contemporâneos do que se chamou a Nova Esquerda ou com o terrorismo de guerrilha urbana, dominados por marxistas dissidentes.

UMA HERESIA INDISPENSÁVEL

Desde há mais de meio século, o movimento anarquista histórico teve pouca influência, com o anarquismo tendo sido reduzido a uma tradição marginal, nos limites dos movimentos socialista, pacifista, feminista, ecológico, da contracultura alternativa etc. A ideologia anarquista foi fortemente influenciada por algumas das idéias pacifistas, feministas, ecologistas, situacionistas – que afirmaram que a autoridade não se exprimia tanto por meio da opressão econômica, mas, ao contrário, por meio da mistificação cultural –, do mesmo modo que por alguns primitivistas que militaram nem tanto contra a civilização moderna quanto contra a civilização.

O movimento anarquista continuou a existir como forma permanente de protesto e de resistência ocasional contra os poderes dominantes da direita e da esquerda. A ideologia anarquista ofereceu a crítica mais convincente das ortodoxias estabelecidas – ao mesmo tempo do socialismo, que ele seja parlamentar ou revolucionário, e do liberalismo, que ele seja moderado ou extremo –, do mesmo modo que das diversas gangues armadas, que elas sejam etiquetadas de fascistas ou comunistas, nacionalistas ou fundamentalistas. Ao final do século XX, pouco numerosos são os anarquistas otimistas crendo numa revolução futura, como foi o caso ao final do século XIX e no início do século XX.

Todavia, os anarquistas pensam sempre que a humanidade poderia ser mais feliz se ela fizesse a escolha da liberdade e da igualdade em vez daquele da autoridade e da propriedade, e que é nosso dever mostrar as razões de tal crença pelo exemplo pessoal e pela argumentação racional.

* Artigo retirado da revista *Libertários* 1.

* Tradução: Plínio A. Coêlho

* Digitalização: Rafaela C. G.

ANARQUISMO E ANARQUIA

Errico Malatesta

O anarquismo em suas origens, aspirações, em seus métodos de luta, não está necessariamente ligado a qualquer sistema filosófico.

O anarquismo nasceu da revolta moral contra as injustiças sociais. Quando apareceram homens que se sentiram sufocados pelo ambiente social em que eram obrigados a viver, que sentiram a dor dos demais como se ela fosse a sua própria, e quando estes homens se convenceram de que boa parte do sofrimento humano não é consequência inevitável das leis naturais ou sobrenaturais inexoráveis, mas, ao contrário, que deriva de realidades sociais dependentes da vontade humana e que podem ser eliminados pelo esforço humano, abria-se então o caminho que deveria conduzir ao anarquismo.

Era necessário encontrar as causas específicas dos males sociais e os meios corretos para destruí-las.

E quando alguns consideraram que a causa fundamental do mal era a luta entre os homens que resultava no domínio dos vencedores e a opressão e a exploração dos vencidos, e viram que este domínio dos primeiros e esta sujeição dos segundos deram origem à propriedade capitalista e ao Estado, e quando se propuseram derrubar o Estado e a propriedade, nasceu o anarquismo.[1]

Eu prefiro deixar de lado a incerta filosofia e ater-me às definições comuns, que nos dizem que a anarquia é uma forma de vida social em que os homens vivem como irmãos, sem que nenhum possa oprimir e explorar os demais, e em que todos os meios para se chegar ao máximo desenvolvimento moral e material estejam disponíveis para todos. O anarquismo é o método para realizar a anarquia por meio da liberdade e sem governo, ou seja, sem organismos autoritários que, pela força, ainda que seja por bons fins, impõem aos demais sua própria vontade.[2]

A anarquia é a sociedade organizada sem autoridade, compreendendo-se a autoridade como a faculdade de impor a própria vontade. Todavia, também significa o fato inevitável e benéfico de que aquele que melhor compreenda e saiba fazer uma coisa, consiga fazer aceitar mais facilmente sua opinião, e sirva de guia nesta determinada coisa aos que são menos capazes.

Em nossa opinião, a autoridade não somente não é necessária para a organização social, mas, mais ainda, longe de beneficiá-la vive dela como parasita, impede seu desenvolvimento e extrai vantagens desta organização em benefício especial de uma determinada classe que explora e oprime os demais. Enquanto há harmonia de interesses em uma coletividade, enquanto ninguém deseja e nem tem meios de explorar os demais, não existem traços de autoridade. Quando, ao invés disso, há lutas intestinas e a coletividade se divide em vencedores e vencidos, surge então a autoridade, que é naturalmente usada para a vantagem dos mais fortes e serve para confirmar, perpetuar e fortalecer sua vitória.

Por sustentarmos esta opinião somos anarquistas, e em caso contrário, afirmando que não poderia haver organização sem autoridade, seríamos autoritários. Porque ainda preferimos a autoridade que incomoda e desola a vida, à desorganização, que a torna impossível.[3]

Quantas vezes temos de repetir que não queremos impor nada a ninguém, que não acreditamos ser possível nem desejável beneficiar as pessoas pela força, e que tudo o que queremos é que ninguém nos imponha sua vontade, que ninguém possa estar em posição de impor aos demais uma forma de vida social que não seja livremente aceita?[4]

O socialismo – e isso é ainda mais verdadeiro no anarquismo – não pode ser imposto, seja por razões morais de respeito à liberdade, seja pela impossibilidade de aplicar “pela força” um regime de justiça para todos. Ele não pode ser imposto por uma minoria a uma maioria e também não pode ser imposto pela maioria a uma ou várias minorias.

E é por isso que somos anarquistas, que desejamos que todos tenham a liberdade “efetiva” de viver como queiram. Isso não é possível sem a expropriação daqueles que detêm atualmente a riqueza social e sem colocar os meios de trabalho à disposição de todos.[5]

A base fundamental do método anarquista é a liberdade, e por isso combatemos e continuaremos a combater tudo o que a violenta – liberdade igual para todos – qualquer que seja o regime dominante: monarquia, república ou qualquer outro.[6]

Nós, ao contrário, não pretendemos ter a verdade absoluta. Acreditamos que a verdade social, ou seja, o melhor modo de convivência social, não é algo fixo, bom para todos os tempos, universalmente aplicável ou determinável de antemão. Ao invés disso, acreditamos que uma vez assegurada a liberdade, a humanidade avançará, descobrindo e realizando as coisas, gradualmente, com o menor número de comoções e atritos. Por isso, as soluções que propomos deixam sempre a porta aberta a outras soluções distintas e, esperamos, melhores.[7]

Aqueles que analisam minha pergunta: “Como vocês farão para saber de que maneira se orientará, amanhã, sua república?”, opõem-se, por sua vez, colocando o seguinte: “Como vocês sabem de que maneira se orientará seu anarquismo?”. E eles têm razão: são numerosos e extremamente complexos os fatores da história, são tão incertas e indetermináveis as vontades humanas, que ninguém poderia colocar-se seriamente a profetizar o futuro. Mas a diferença que existe entre nós e os republicanos é que nós não queremos cristalizar nosso anarquismo em dogmas e nem impô-lo pela força; será o que puder ser e se desenvolverá à medida que os homens e as instituições tornem-se mais favoráveis à liberdade e à justiça integrais.[8]

Temos em vista o bem de todos, a eliminação de todos os sofrimentos e a generalização de todas as alegrias que possam depender das ações humanas; buscamos a paz e o amor entre todos os homens, uma sociedade nova e melhor, uma humanidade mais digna e feliz. Porém, acreditamos que o bem de todos não pode ser alcançado realmente sem o concurso consciente de todos; acreditamos que não existem fórmulas mágicas capazes de resolver as dificuldades; que não há doutrinas universais e infalíveis que se apliquem a todos os homens e a todas as situações; que não existem homens e partidos providenciais que podem substituir utilmente a vontade dos demais pela sua própria e fazer o bem pela força; pensamos que a vida social toma sempre as formas que resultam do contraste dos interesses materiais e dos ideais daqueles que pensam e reivindicam. E por isso, convocamos a todos a pensar e a reivindicar.[9]

O anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido e que não quer ser opressor, aquele que deseja o maior bem-estar, a maior liberdade, o maior desenvolvimento possível para todos os seres humanos.

Suas idéias e suas vontades têm origem no sentimento de simpatia, de amor, de respeito para com a humanidade: um sentimento que deve ser suficientemente forte para fazer com que cada um queira o bem dos outros, assim como quer o seu próprio bem, renunciando as vantagens pessoais cuja obtenção requer o sacrifício dos outros.

Se não fosse assim, por que o anarquista seria inimigo da opressão e não trataria, ao invés disso, de transformar-se em opressor?

O anarquista sabe que o indivíduo não pode viver fora da sociedade, na realidade ele nem existiria, como indivíduo humano, senão porque carrega dentro de si os resultados do trabalho de inúmeras gerações passadas, e aproveita durante toda sua vida a colaboração de seus contemporâneos.

O anarquista sabe que a atividade de cada um influencia, de maneira direta ou indireta, a vida de todos, e reconhece, portanto, a grande lei da solidariedade que predomina tanto na sociedade como na natureza. E já que quer a liberdade de todos, deve necessariamente querer que a ação desta solidariedade necessária, ao invés de ser imposta e sofrida, inconsciente e involuntária, ao invés de ser deixada à sua própria sorte e ser explorada em vantagem de alguns poucos e em detrimento da maioria, torne-se consciente e voluntária e seja aplicada para o igual benefício de todos.

Ser oprimidos, ser opressores, ou cooperar voluntariamente para o maior bem de todos. Não há nenhuma outra alternativa possível; e os anarquistas estão naturalmente a favor, e não podem não estar, da cooperação livre e voluntária.

Não queremos aqui ficar “filosofando” e falando de egoísmo, altruísmo e complicações similares. Estamos de acordo: todos somos egoístas, todos buscamos nossa satisfação. Porém, o anarquista encontra sua máxima satisfação na luta pelo bem de todos, pela realização de uma sociedade na qual possa ser um irmão entre irmãos, em meio de homens saudáveis, inteligentes, instruídos e felizes. Por outro lado, quem puder adaptar-se, quem estiver satisfeito em viver entre escravos e em obter lucro de seu trabalho não é, e não pode ser, um anarquista.[10]

Para ser anarquista, não basta reconhecer que a anarquia é um lindo ideal – coisa que, ao menos em teoria, todos reconhecem, incluindo os poderosos, os capitalistas, os policiais e, creio eu, até mesmo Mussolini. É necessário querer combater para chegar à anarquia, ou ao menos se aproximar dela, tratando de atenuar o domínio do Estado e do privilégio, e reivindicando sempre mais liberdade e mais justiça.[11]

Por que somos anarquistas?

Independente de nossas idéias sobre o Estado político e sobre o governo, ou seja, sobre a organização coercitiva da sociedade, que constituem nossa característica específica, e as idéias referentes ao melhor modo de assegurar a todos o livre acesso aos meios de produção e a participação nas boas coisas da vida social, somos anarquistas por um sentimento que é a força motriz de todos os reformadores sociais sinceros, e sem o qual nosso anarquismo seria uma mentira ou um contra-senso.

Este sentimento é o amor para com a humanidade, é o fato de sofrer com sofrimentos dos demais. Se eu como, não posso fazê-lo com gosto se penso que há gente que morre de fome; se compro um brinquedo para minha filha e me sinto muito feliz por sua alegria, minha felicidade logo se amarga ao ver que, diante da vitrine da loja há crianças com os olhos arregalados que se contentariam com um brinquedo que custa apenas algumas moedas, mas que não podem comprá-lo; se me divirto, minha alma se entristece assim que penso que há infelizes companheiros que definham nas prisões; se estudo ou realizo um trabalho que me agrada, sinto uma espécie de remorso ao pensar que há tantas pessoas que têm maior talento que eu e se vêem obrigadas a perder sua vida em tarefas exaustivas, muitas vezes inúteis ou prejudiciais. Claramente, puro egoísmo, mas de um tipo que outros chamam altruísmo – chamem-no como quiserem – e sem o qual, não é possível ser realmente anarquista.

A intolerância frente à opressão, o desejo de ser livre e de poder desenvolver completamente a

própria personalidade até o limite, não bastam para fazer de alguém um anarquista. Esta aspiração à liberdade ilimitada, se não for combinada com o amor pelos homens e com o desejo de que todos os demais tenham igual liberdade, pode chegar a criar rebeldes, que, se tiverem força suficiente, se transformarão rapidamente em exploradores e tiranos.[12]

Há indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais ou intelectuais que, encontrando-se por acaso entre os oprimidos, querem, a qualquer custo, emancipar-se e não se ofendem em transformar-se em opressores: indivíduos que, sentido-se prisioneiros na sociedade atual, chegam a desprezar e a odiar toda a sociedade, e ao sentir que seria absurdo querer viver fora da coletividade humana, buscam submeter todos os homens e toda a sociedade à sua vontade e à satisfação de seus desejos. Às vezes, quando são pessoas instruídas, consideram-se super-homens. Não se sentem impedidos por escrúpulos, querem “viver suas vidas”. Ridicularizam a revolução e toda aspiração futura, desejam gozar o dia de hoje a qualquer preço, e à custa de quem quer que seja; sacrificariam toda a humanidade por uma hora de “vida intensa” (conforme seus próprios termos).

Estes são rebeldes, mas não anarquistas. Têm a mentalidade e os sentimentos de burgueses frustrados e, quando conseguem, transformam-se em burgueses, e não dos menos perigosos. Pode ocorrer algumas vezes que, nas circunstâncias dinâmicas da luta, os encontremos ao nosso lado, mas não podemos, não devemos e nem desejamos ser confundidos com eles. E eles sabem muito bem disso. Contudo, muitos deles gostam de chamar-se anarquistas. É certo – e também deplorável.

Nós não podemos impedir ninguém de se chamar do nome que quiser, nem podemos, por outro lado, abandonar o nome que sucintamente exprime nossas idéias e que nos pertence lógica e historicamente. O que podemos fazer é prevenir qualquer confusão, ou para que ela se reduza ao mínimo possível.[13]

Eu sou anarquista porque me parece que o anarquismo responde melhor que qualquer outro modo de vida social ao meu desejo pelo bem de todos, às minhas aspirações para uma sociedade que concilie a liberdade de todos com a cooperação e o amor entre os homens, e não porque o anarquismo se trate de uma verdade científica e de uma lei natural. Basta-me que não contradiga nenhuma lei conhecida da natureza para considerá-lo possível e lutar para conquistar o apoio necessário para sua realização.[14]

Eu sou comunista (libertário, claramente), estou a favor do acordo e creio que com uma descentralização inteligente e uma troca contínua de informações seria possível chegar à organização das trocas necessárias de produtos e satisfazer as necessidades de todos sem recorrer ao dinheiro, que está certamente carregado de inconvenientes e perigos. Aspiro, como todo bom comunista, a abolição do dinheiro, e como todo bom revolucionário creio que será necessário desarmar a burguesia desvalorizando todos os sinais de riqueza que possam permitir que pessoas vivam sem trabalhar.[15]

Frequentemente, dizemos: “o anarquismo é a abolição do *gendarme*”, entendendo por *gendarme* qualquer força armada, qualquer força material a serviço de um homem ou de uma classe para obrigar os demais a fazer o que não querem fazer voluntariamente.

Certamente, esta definição não dá uma idéia nem sequer aproximada do que se entende por anarquia, que é uma sociedade fundada no livre acordo, na qual cada indivíduo pode atingir o máximo desenvolvimento possível, material, moral e intelectual; que encontra na solidariedade social a garantia de sua liberdade e de seu bem-estar. A supressão da coerção física não é suficiente para que se chegue à dignidade de homem livre, para que se aprenda a amar seus semelhantes, a respeitar os direitos dos outros da mesma forma que deseja ter seus próprios direitos respeitados, e

para que se recuse tanto a mandar como a obedecer. Alguém pode ser um escravo voluntário por deficiência moral e por falta de confiança em si mesmo, assim como alguém pode ser tirano por maldade ou por inconsciência, quando não encontra resistência adequada. Porém, isto não impede que a abolição do *gendarme*, ou seja, a abolição da violência nas relações sociais, constitua a base, a condição indispensável sem a qual a anarquia não pode florescer e, mais ainda, não pode nem sequer ser concebida.[16]

Visto que todos estes males da sociedade derivam da luta entre os homens, da busca do bem-estar que cada um realiza por sua própria conta e contra todos, queremos corrigir esta situação, substituindo o ódio pelo amor, a competição pela solidariedade, a busca individual do próprio bem-estar pela cooperação fraternal para o bem-estar de todos, a opressão e a imposição pela liberdade, a mentira religiosa e pseudo-científica pela verdade.

Portanto:

- 1) Abolição da propriedade privada da terra, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho – para que ninguém disponha de meios de viver pela exploração do trabalho alheio –, e que todos, assegurados dos meios de produzir e de viver, sejam verdadeiramente independentes e possam associar-se livremente com os demais, por um interesse comum e conforme as simpatias pessoais.
- 2) Abolição do governo e de todo poder que faça a lei para impô-la aos outros: portanto, abolição das monarquias, repúblicas, parlamentos, exércitos, polícias, magistraturas e toda instituição que possua meios coercitivos.
- 3) Organização da vida social por meio das associações livres e das federações de produtores e consumidores, criadas e modificadas segundo a vontade dos membros, guiadas pela ciência e pela experiência, livre de toda obrigação que não emane das necessidades naturais, às quais todos se submetem voluntariamente, quando reconhecem seu caráter inelutável.
- 4) Garantia dos meios de vida, de desenvolvimento, de bem-estar às crianças e a todos aqueles que são incapazes de suprir suas próprias necessidades.
- 5) Guerra às religiões e todas as mentiras, ainda que elas se ocultem sob o manto da ciência. Instrução científica para todos, até os níveis mais elevados.
- 6) Guerra às rivalidades e aos preconceitos patrióticos. Abolição das fronteiras e fraternidade entre todos os povos.
- 7) Reconstrução da família, de tal forma que ela resulte da prática do amor, liberto de todo laço legal, de toda opressão econômica ou física, de todo preconceito religioso.[17]

Queremos abolir radicalmente a dominação e a exploração do homem pelo homem; queremos que os homens, irmanados por uma solidariedade consciente e desejada, cooperem todos de maneira voluntária para o bem-estar de todos; queremos que a sociedade constitua-se com o objetivo de proporcionar a todos os seres humanos os meios necessários para que alcancem o máximo bem-estar possível, o máximo desenvolvimento moral e material possível; queremos pão, liberdade, amor e ciência para todos.[18]

NOTAS

1. *Pensiero e Volontà*, 16 de maio de 1925.
2. *Pensiero e Volontà*, 1 de setembro de 1925.
3. *L'Agitazione*, 4 de junho de 1897.
4. *Umanità Nova*, 25 de agosto de 1920.
5. *Umanità Nova*, 2 de setembro de 1922.
6. *Umanità Nova*, 27 de abril de 1922.
7. *Umanità Nova*, 16 de setembro de 1921.
8. *Pensiero e Volontà*, 15 de maio de 1924.
9. *Pensiero e Volontà*, 1º de janeiro de 1924.
10. *Volontà*, 15 de junho de 1913.
11. *Pensiero e Volontà*, 16 de maio de 1925.
12. *Umanità Nova*, 16 de setembro de 1922.
13. *Volontà*, 15 de junho de 1913.
14. *Umanità Nova*, 27 de abril de 1922.
15. *Il Risveglio*, 20 de dezembro de 1922.
16. *Umanità Nova*, 25 de julho de 1920.
17. *Il Programma Anarchico*, Bologna, 1920.
18. *Il Programma Anarchico*, Bologna, 1920.

* Compilação: Vernon Richards

* Tradução: Felipe Corrêa

CURSO 2

ANARQUISMO SOCIAL

ANARQUISMO SOCIAL

Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)

O anarquismo, para nós, é uma ideologia, sendo esta um conjunto de idéias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação – o que chamamos de prática política. A ideologia exige a formulação de objetivos finalistas (de longo prazo, das perspectivas de futuro), a interpretação da realidade em que se vive e um prognóstico, mais ou menos aproximado, sobre a transformação desta realidade. A partir desta análise, a ideologia não é um conjunto de idéias e valores abstratos, dissociados da prática, com um caráter puramente reflexivo, mas, sim, um sistema de conceitos que existe, na medida em que é concebido junto à prática e está voltado a ela. Assim, a ideologia exige uma atuação voluntarista e consciente com o objetivo de imprimir à sociedade a transformação social desejada.

Entendemos o anarquismo como uma ideologia que fornece orientação para a ação no sentido de substituir o capitalismo, o Estado e suas instituições, pelo socialismo libertário – sistema baseado na autogestão e no federalismo –, sem quaisquer pretensões científicas ou proféticas.

Como outras ideologias, o anarquismo possui história e contexto específicos. Ele não nasce de intelectuais ou pensadores alheios à prática, que buscam apenas a reflexão abstrata. O anarquismo tem sua história desenvolvida no seio das grandes lutas de classe do século XIX, quando foi teorizado por Proudhon, e tomou corpo em meio à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), com a atuação de Bakunin, Guillaume, Reclus e outros que defendiam o socialismo revolucionário, em oposição ao socialismo reformista, legalista ou estatista. Esta tendência da AIT foi futuramente conhecida por “federalista” ou “antiautoritária” e teve sua continuidade na militância de Kropotkin, Malatesta e outros.

Portanto, foi no seio da AIT que o anarquismo tomou corpo, “na luta direta dos trabalhadores contra o capitalismo, pelas necessidades dos trabalhadores, por suas aspirações à liberdade e à igualdade, que vivem particularmente nas massas de trabalhadores nas épocas mais heróicas”[Dielo Trouda. Plataforma Organizacional]. O trabalho de teorização do anarquismo foi realizado por pensadores e trabalhadores que estavam diretamente envolvidos com as lutas sociais e que auxiliaram a formalizar e difundir este sentimento que estava latente naquilo que se chamou “movimento de massas”. Desta forma,

o anarquismo na sua gênese, nas suas aspirações, em seus métodos de luta, não tem nenhum vínculo com qualquer sistema filosófico. O anarquismo nasceu da rebelião moral contra as injustiças sociais. Quando apareceram homens que se sentiram sufocados pelo ambiente social em que estavam forçados a viver, e cuja sensibilidade se viu ofendida pela dor dos demais como se ela fosse a sua própria, e quando estes homens se convenceram de que boa parte da dor humana não é consequência fatal de leis naturais ou sobrenaturais inexoráveis, mas deriva, por outro lado, de feitos sociais dependentes da vontade humana e elimináveis por obra do homem, abriu-se então a via que deveria conduzir ao anarquismo.[Errico Malatesta. “Anarquismo e Anarquia”].

Com o passar dos anos, o anarquismo desenvolveu-se teórica e praticamente. Por um lado, contribuiu de maneira ímpar com episódios de transformação social, conservando seu caráter ideológico, como, por exemplo, na Revolução Mexicana, na Revolução Russa, na Revolução Espanhola, ou mesmo em episódios brasileiros, como na Greve Geral de 1917 e na Insurreição de 1918. Por outro lado, em determinados contextos o anarquismo assumiu certas características que lhe retiraram este caráter ideológico, transformando-o em um conceito abstrato, que passou a constituir-se tão somente em uma forma de observação crítica da sociedade. Com o passar dos anos,

este modelo de anarquismo assumiu uma identidade própria, encontrando referências na história e, ao mesmo tempo, perdendo seu caráter de luta pela transformação social. Isso se evidenciou, de maneira mais gritante, na segunda metade do século XX. Pensado a partir dessa perspectiva, o anarquismo deixa de ser uma ferramenta aos explorados na sua luta pela emancipação e funciona como um passatempo, uma curiosidade, um tema para debate intelectual, um nicho acadêmico, uma identidade, um grupo de amigos etc. Para nós, esta visão ameaça fortemente o próprio sentido do anarquismo.

Essa desastrosa influência no anarquismo foi notada e criticada por diversos anarquistas, desde Malatesta, quando polemizou com os individualistas que eram contra a organização, passando por Luigi Fabbri, que realizou sua crítica das influências burguesas no anarquismo ainda no início do século XX[Luigi Fabbri. *Influencias Burguesas sobre el Anarquismo.*], até Murray Bookchin que, em meados da década de 1990, apontou este fenômeno e buscou advertir:

A menos que eu esteja gravemente errado – e eu espero estar – os objetivos sociais e revolucionários do anarquismo estão sofrendo um desgaste de longo alcance a um ponto em que a palavra anarquia tornar-se-á parte do vocabulário elegante burguês do próximo século – desobediente, rebelde, despreocupado, mas deliciosamente inofensivo.[Murray Bookchin. *Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida*]

Defendemos que o anarquismo retome o seu caráter original de ideologia, ou como definimos anteriormente, de um “sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação, [...] de prática política”. Buscando retomar esta caráter ideológico do anarquismo e para nos diferenciar das demais correntes que estão no amplo campo no anarquismo contemporâneo, reivindicamos o anarquismo social, pois corroboramos as críticas de Malatesta, Fabbri e afirmamos a dicotomia identificada por Bookchin, de que há hoje um anarquismo social, voltado às lutas e com um objetivo de transformação social, e um anarquismo de estilo de vida, que renunciou à proposta de transformação social e de envolvimento nas lutas sociais de nosso tempo.

Para nós, o anarquismo social é um modelo de anarquismo que, como ideologia, busca ser o fermento dos movimentos sociais e da organização popular, com o objetivo de superar o capitalismo, o Estado, e de construir o socialismo libertário – autogestionário e federalista. Para isso, sustenta um retorno organizado dos anarquistas à luta de classes, com o objetivo de retomar o que chamamos de vetor social do anarquismo. Acreditamos que é entre as classes exploradas – as maiores vítimas do capitalismo – que o anarquismo tem condições de florescer. Se, como colocou Neno Vasco, devemos buscar jogar as sementes do anarquismo no terreno mais fértil, este terreno é para nós a luta de classes, que se dá nas mobilizações populares e nas lutas sociais. Buscando opor o anarquismo social ao anarquismo de estilo de vida, Bookchin afirmou que

o anarquismo social está radicalmente em desacordo com o anarquismo que é focado no estilo de vida, a invocação neo-situacionista ao êxtase e a soberania do ego pequeno burguês que cada vez contrai-se mais. Os dois divergem completamente em seus princípios de definição – socialismo ou individualismo.[*Ibidem.*]

Frank Mintz, outro militante e pensador contemporâneo, ao comentar o título de seu livro *Anarquismo Social* enfatizou: “este título deveria ser inútil, pois os dois termos estão implicitamente ligados. É do mesmo modo equivocado porque sugere que pode existir um anarquismo não-social, fora das lutas.”[Frank Mintz. *Anarquismo Social.*]

Desta maneira, entendemos que o anarquismo social está necessariamente implicado na luta de classes.

* Trecho de *Anarquismo Social e Organização*

ANARQUISMO SOCIAL OU ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA

EXCERTOS

Murray Bookchin

AUTONOMIA INDIVIDUAL E LIBERDADE SOCIAL

Por cerca de dois séculos, o anarquismo – um corpo extremamente ecumênico de idéias antiautoritárias – desenvolveu-se na tensão entre duas tendências basicamente contraditórias: um comprometimento pessoal com a *autonomia* individual e um comprometimento coletivo com a *liberdade* social. Essas tendências nunca se harmonizaram na história do pensamento libertário. De fato, para muitos do século passado, elas simplesmente coexistiam dentro do anarquismo como uma crença minimalista de oposição ao Estado, ao invés de uma crença maximalista que articulasse o tipo de nova sociedade que tinha de ser criada em seu lugar(...)

ANARCO-INDIVIDUALISMO

Com a emergência do anarco-sindicalismo e do anarco-comunismo nos fins do século XIX e início do século XX, a necessidade de se resolver a tensão entre as tendências individualista e coletivista tornou-se essencialmente obsoleta. O anarco-individualismo foi, em grande medida, marginalizado pelos movimentos operários socialistas de massa, dos quais muitos anarquistas consideravam-se a esquerda. Em uma época de violentos levantes sociais, marcada pelo surgimento de um movimento de massas da classe trabalhadora que teve seu auge nos anos 1930 e na Revolução Espanhola, os anarco-sindicalistas e anarco-comunistas, não menos que os marxistas, consideravam o anarco-individualismo um exotismo pequeno-burguês. Eles não raro o atacavam, de maneira bastante direta, acusando-o de ser um capricho de classe-média, muito mais radicado no liberalismo do que no anarquismo(...)

Raramente os anarco-individualistas exerceram influência sobre a nascente classe operária. Eles expressavam sua oposição de forma pessoal e peculiar, especialmente em panfletos inflamados, comportamentos abusivos, e estilos de vida extravagantes nos guetos culturais do *fin de siècle* de Nova York, Paris e Londres. Como uma crença, o anarquismo individualista permaneceu, em grande medida, um estilo de vida boêmio, mais evidente em suas reivindicações de liberdade sexual (“amor livre”) e no fascínio pelas inovações na arte, no comportamento e nas vestimentas(...)

Nos tradicionalmente individualistas e liberais Estados Unidos e Inglaterra, os anos 1990 estão transbordando de auto-intitulados anarquistas que – descontando a retórica radical exibicionista – vêm cultivando um anarco-individualismo moderno que chamarei de *anarquismo de estilo de vida*. Suas preocupações com o ego, sua unicidade e seus conceitos polimorfos de resistência vêm constantemente desgastando o caráter socialista da tradição libertária(...)

ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA

Num sentido bastante concreto, eles [os anarquistas de estilo de vida] não são mais socialistas – defensores de uma sociedade libertária comunalmente orientada – e abstêm-se de qualquer comprometimento com um confronto *social* organizado e programaticamente coerente contra a

ordem existente.(...)

Aventurismo *ad hoc*, ostentação pessoal, uma aversão à teoria estranhamente similar às tendências anti-rationais do pós-modernismo, celebrações de incoerência teórica (pluralismo), um compromisso basicamente apolítico e antiorganizacional com a imaginação, o desejo, o êxtase e um encantamento da vida cotidiana intensamente voltado para si mesmo refletem o preço que a reação social cobrou do anarquismo euro-americano nas últimas duas décadas.(...)

O ego – mais precisamente sua encarnação em vários estilos de vida – tornou-se uma idéia fixa para muitos anarquistas pós-1960, que estão perdendo contato com a necessidade de uma oposição organizada, coletiva e programática à ordem social existente. “Protestos” sem firmeza, traquinagens sem objetivo, a afirmação dos próprios desejos, e uma “recolonização” muito pessoal da vida cotidiana, são um paralelo aos estilos de vida psicoterápicos, *new age*, auto-orientados de *baby boomers* entediados e membros da Geração X.(...)

O anarquismo de estilo de vida, assim como o individualista, aporta um desdém para com a teoria, de ascendências místicas e primitivistas geralmente muito vagas, intuitivas, e mesmo anti-rationais, analisadas friamente.(...)

Sua linha ideológica é basicamente liberal, fundamentada no mito do indivíduo completamente autônomo cujas reivindicações da própria soberania se valem de axiomáticos “direitos naturais”, “valores intrínsecos”, ou, em um nível mais sofisticado, do eu transcendental kantiano produtor de toda a realidade cognoscível. Essas tradicionais visões vêm à tona no “eu” ou no único (ego) de Max Stirner, que tem em comum com o existencialismo a tendência a absorver toda a realidade em si mesmo, como se o universo girasse em torno das escolhas do indivíduo auto-orientado.(...)

Ao negar as instituições e a democracia, o anarquismo de estilo de vida isola-se da realidade social para que assim possa esfumar-se com uma fútil raiva ainda maior, continuando, por meio disso, a ser uma travessura subcultural para ingênuos jovens e entediados consumidores de roupas pretas e pôsteres excitantes.(...)

O poder, *que sempre existirá*, pertencerá ou ao coletivo, em uma democracia cara-a-cara e claramente institucionalizada, ou aos egos de poucos oligarcas que produzirão uma “tirania das organizações sem estrutura”.(...)

O isolamento do anarquismo de estilo de vida e seus fundamentos individualistas devem ser considerados responsáveis por restringir o desenvolvimento do ingresso de um potencial movimento libertário de esquerda numa esfera pública cada vez mais reduzida.(...)

A bandeira negra, que os revolucionários defensores do anarquismo social levantaram nas lutas insurrecionais na Ucrânia e Espanha, torna-se agora um “sarongue” da moda, para deleite de chiques pequeno-burgueses.(...)

UM TIPO DE ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA: A TAZ DE HAKIN BEY

A T.A.Z. é tão passageira, tão evanescente, tão inefável em contraste com o Estado e a burguesia formidavelmente estáveis que “assim que a T.A.Z. é nomeada (...) ela deve desaparecer, ela *vai* desaparecer (...) e brotará novamente em outro lugar”. A T.A.Z., de fato, não é uma revolta, mas sim uma simulação, uma insurreição igualmente vivida na imaginação de um cérebro juvenil, uma retirada segura para a irrealidade. Entretanto, Bey declama: “Nós a recomendamos [a T.A.Z.], pois ela pode fornecer a qualidade do enlevamento, sem necessariamente [!] levar à violência e ao

martírio”. Mais precisamente, como um *happening* de Andy Warhol, a T.A.Z. é um evento passageiro, um orgasmo momentâneo, uma expressão fugaz da “força de vontade” que é, de fato, uma evidente impotência em sua capacidade de deixar qualquer marca na personalidade, subjetividade ou mesmo na auto-formação do indivíduo, e menos ainda em modificar eventos ou a realidade. (...)

A burguesia não tinha nada a temer com essas declamações de estilo de vida. Com a sua aversão pelas instituições, organizações de massa, sua orientação amplamente subcultural, sua decadência moral, sua celebração da transitoriedade e sua rejeição de programas, esse tipo de anarquismo narcisista é socialmente inócuo e, com frequência, meramente uma válvula segura para o descontentamento com a ordem social dominante. Com Bey, o anarquismo de estilo de vida foge de toda militância social significativa e do firme compromisso com os projetos duradouros e criativos, quando se dissolve nas queixas, no niilismo pós-modernista e na confusão. O senso nietzschiano de superioridade elitista.

O preço que o anarquismo pagará se permitir que este absurdo substitua os ideais libertários de um período anterior será enorme. O anarquismo egocêntrico de Bey, com seu afastamento pós-modernista em direção à “autonomia” individual, às “experiências-limite” foucaultianas, e ao êxtase neo-situacionista, ameaça tornar a palavra *anarquismo* política e socialmente inocente – uma simples moda para o gozo dos pequenos burgueses de todas as idades.

ANARQUISMO SOCIAL

[Até hoje] os anarquistas não criaram nem um programa coerente, nem uma organização revolucionária para proporcionar uma direção ao descontentamento da massa que a sociedade contemporânea está criando.(...)

O anarquismo social, a meu ver, é feito de uma essência fundamentalmente diferente, herdeira da tradição iluminista, com a devida consideração aos seus limites e imperfeições. Dependendo de como se define a razão, o anarquismo social celebra a mente humana pensante sem, de forma alguma, negar a paixão, o êxtase, a imaginação, o divertimento e a arte. Contudo, ao invés de materializá-las em categorias nebulosas, ele tenta incorporá-las na vida cotidiana. O anarquismo social está comprometido com a racionalidade, embora se oponha à racionalização da experiência; com a tecnologia, embora se oponha à “mega-máquina”; com a institucionalização social, embora se oponha ao sistema de classes e à hierarquia; com uma política genuína, baseada na coordenação confederal de municipalidades ou comunas, pelo povo, com democracia direta cara-a-cara, embora se oponha ao parlamentarismo e ao Estado.

Essa “comuna das comunas”, para utilizar um *slogan* tradicional das revoluções anteriores, pode ser indicada, de maneira apropriada, como sendo o comunismo. No entanto, os oponentes da democracia como “sistema”, ao contrário, descrevem a dimensão *democrática* do anarquismo como uma administração majoritária da esfera pública. Conseqüentemente, o comunismo busca a liberdade, ao invés da autonomia, nesse senso que eu a contrapus. Ele rompe categoricamente com o ego boêmio, liberal, psico-pessoal stirneriano, por este ser um soberano encerrado em si mesmo, afirmando que a individualidade não emerge *ab novo*, enfeitada no nascimento com “direitos naturais”, e vê a individualidade, em grande medida, como o trabalho em constante mudança do desenvolvimento social e histórico, um processo de autoformação que não pode ser petrificado pelo biologismo e nem preso por dogmas limitados temporariamente.(...)

A democracia não é antitética ao anarquismo; o critério de decisão pela maioria e as decisões não consensuais também não são incompatíveis com uma sociedade libertária.(...)

O aspecto mais criativo do anarquismo tradicional é o seu comprometimento com quatro princípios básicos: uma confederação de municipalidades descentralizadas, uma firme oposição ao estatismo, uma crença na democracia direta e um projeto de uma sociedade comunista libertária.(...)

Em resumo, o anarquismo social deve afirmar, resolutamente, suas diferenças com o anarquismo de estilo de vida. Se um movimento social anarquista não pode traduzir seus quatro princípios – confederalismo municipal, oposição ao estatismo, democracia direta e, finalmente, o comunismo libertário – em uma viva prática, em uma nova esfera pública; se esses princípios se enfraquecem como suas memórias de lutas passadas em declarações e encontros cerimoniais; pior ainda, se eles são subvertidos pela Indústria do Êxtase “libertária” e pelos teísmos asiáticos quietistas, então seu centro socialista revolucionário terá de ser restabelecido sob um novo nome.

Certamente, já não é mais possível, do meu ponto de vista, chamar alguém de anarquista sem adicionar um adjetivo qualificativo que o distinga dos anarquistas de estilo de vida. Minimamente, o anarquismo social está radicalmente em desacordo com o anarquismo que é focado no estilo de vida, a invocação neo-situacionista ao êxtase e a soberania do ego pequeno burguês que cada vez contrai-se mais. Os dois divergem completamente em seus princípios de definição – socialismo ou individualismo. Entre um corpo revolucionário comprometido de idéias e prática, por um lado, e o anseio vagabundo para o êxtase e a auto-realização privados de outro, nada pode haver em comum. A mera oposição do Estado pode bem unir o lúmpem fascista com o lúmpem stirneriano, um fenômeno que não está sem seus precedentes históricos.

PERSPECTIVAS PREOCUPANTES

A menos que eu esteja gravemente errado – e espero estar – os objetivos sociais e revolucionários do anarquismo estão sofrendo um desgaste de longo alcance ao ponto em que a palavra anarquia se tornará parte do elegante vocabulário burguês do século XXI – desobediente, rebelde, despreocupado, mas deliciosamente inofensivo.

* Tradução e seleção: Felipe Corrêa

* Trecho de *Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: um abismo intransponível*.

ANARQUISMO SOCIAL

EXCERTOS

Frank Mintz

O ANARQUISMO É SOCIAL DESDE O BERÇO

Este título [*Anarquismo Social*] deveria ser inútil, pois os dois termos estão implicitamente ligados. É do mesmo modo equivocado porque sugere que pode existir um anarquismo não-social, fora das lutas; mas “está claro, por outro lado, que a etiqueta *anarquismo* recobre um conjunto de elementos heterogêneos e, em certos casos, incompatíveis.”

ANARQUISTA E LIBERTÁRIO

Aplico o nome “anarquista” a pessoas militando em um grupo anarquista, e “libertário” a pessoas simpatizantes ou próximas, mas sem atividades ligadas a um grupo.

ANARQUISMO SOCIAL

É todo esse conjunto que é o anarquismo social. Sob diferentes aspectos, anarco-comunismo, anarco-sindicalismo, defesa da base e recusa ao capitalismo pelos I.W.W. e Cronstadt, é uma organização de todos os trabalhadores de baixo para cima que é visado, não uma academia elitista rubro-negra.(...)

É preciso conservar os princípios trabalhando com os outros, no meio dos outros. Esta última observação é fundamental e deveria ser inscrita em letra de ouro em todo local onde os anarquistas se reúnem: sem anarquismo social, o anarquismo não é nada.(...)

Saber aguardar o momento revolucionário, entrementes agindo com os explorados, sem se separar deles, sem cair no reformismo de curta visão, é a provação que inúmeros grupos e indivíduos têm dificuldade de suportar.

São os movimentos de massa que representam a única maneira de opor-se a um capitalismo que monopoliza, por muito tempo ainda, a força e as iniciativas nesse campo. A ação nas massas supõe uma contra-informação para poder ser acessível.(...)

É estando com os explorados, os assalariados, as vítimas do autoritarismo que as idéias anarquistas podem ser conhecidas e aplicadas. Os grupos de iniciados fechados sobre si mesmos matam as idéias que tencionam defender. São os militantes implicados em atividades sociais (anarco-sindicalismo, atividades de bairro etc.) que são a fonte de um desenvolvimento rápido das idéias de Bakunin e Kropotkin.(...)

Neste mundo de bases podres, o anarquismo social é uma esperança para todos.

* Tradução: Plínio A Coelho.

* Seleção: Felipe Corrêa

CURSO 3

IDEOLOGIA, TEORIA E ANARQUISMO

HUERTA GRANDE

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA

Federação Anarquista Uruguaia (FAU)

Para entender o que acontece(a conjuntura) é preciso poder pensar corretamente. Pensar corretamente significa ordenar e tratar adequadamente os dados que se produzem, em quantidade, sobre a realidade.

Pensar corretamente é a condição indispensável para analisar corretamente o que acontece em um país em um momento dado da História desse país ou de qualquer outro. Isso exige instrumentos. Esses instrumentos são os conceitos. Para pensar com coerência é necessário um conjunto de conceitos coerentemente articulados entre si. Se exige um sistema de conceitos, uma teoria.

Sem teoria se corre o risco de pensar cada problema só em particular, isoladamente, a partir de pontos de vista que podem ser diferentes em cada caso. Ou em base a subjetividades, palpites, aparências, etc.

O partido pode evitar graves erros porque pensou a si mesmo a partir de conceitos que têm um grau importante de coerência. Também cometeu erros graves por um insuficiente desenvolvimento de seu pensamento teórico enquanto Organização.

Para propor um programa é preciso conhecer a realidade econômica, política, ideológica de nosso país. O mesmo vale para se formular uma linha política suficientemente clara e concreta. Se conhece-se pouco e mal não haverá programa e só poderá haver uma linha muito geral, muito difícil de concretizar em cada lugar em que o partido trabalhe. Se não há uma linha clara e concreta não há política eficaz. A vontade política do partido corre então o risco de diluir-se. O "voluntarismo" se converte em fazer com boa vontade o que vai aparecendo. Mas não se incide de modo determinado sobre os acontecimentos, na base de sua previsão aproximada. Se é determinado por eles e perante eles se atua espontaneamente.

Sem linha para o trabalho teórico, uma Organização, por maior que seja, é confundida por condições que ela não condiciona nem compreende. A linha política pressupõe um programa, ou seja, as metas que se quer alcançar em cada etapa. O programa indica que forças são favoráveis, quais são os inimigos e quem são os aliados circunstanciais. Mas para saber isso é preciso conhecer profundamente a realidade do país. Por isso, adquirir agora esse conhecimento é a tarefa prioritária. E para conhecer é preciso teoria.

O partido necessita de um esquema claro para poder pensar coerentemente o país e a região (América Latina) e as lutas do movimento operário internacional através da História. Precisamos ter um cabedal eficaz para ordenar a massa crescente de dados referentes à nossa realidade econômica, política e ideológica. Precisamos ter um método para tratar esses dados. Para ver quais são os mais importantes, quais se precisa primeiro e quais depois. Para poder assim administrar corretamente nossas forças disponíveis para cada frente de trabalho. Um esquema conceitual que permita vincular umas coisas com outras, seguindo uma ordem sistemática, coerente e que nos sirva para o que queremos fazer como militância de partido. Que nos aproxime exemplos de como trabalhar com esses outros esquemas conceituais que atuam em outras realidades.

Mas este trabalho de conhecer nosso país teremos que fazer nós mesmos, porque ninguém vai fazer por nós.

Não iremos inventar esquemas teóricos a partir do zero. Não vamos criar uma nova teoria em todos os seus termos. E é assim por causa do atraso geral do nosso meio e suas instituições especializadas e nossa escassa disponibilidade para empreender essa tarefa.

Teremos, então, que tomar a teoria conforme vamos elaborando, analisando-a criticamente. Não podemos aceitar qualquer teoria de olhos fechados, sem crítica, como se fosse um dogma.

Queremos estudar e pensar o país e a região como revolucionários. Então, entre os elementos que incluem as diferentes tendências da corrente socialista, tomaremos sempre os elementos que melhor nos sirvam para isso: para pensar e analisar de forma revolucionária o país, a região ou outras regiões e experiências.

Não iremos adotar uma teoria para pô-la em um "cartazinho de moda". Para viver repetindo "citações" que outros disseram em outros lugares, em outro tempo, a propósito de outras citações e problemas. A teoria não é para isso. Para isso a usam os charlatães.

A teoria é um instrumento, uma ferramenta, serve para fazer um trabalho, serve para produzir o conhecimento que necessitamos produzir. A primeira coisa que nos interessa conhecer é o nosso país. Se não nos serve para produzir novos conhecimentos úteis para a prática política, a teoria não serve para nada, se converte em mero tema de palestra improdutiva, de estéril polêmica ideologizante.

Quem compra um grande torno moderno e, ao invés de tornear fica falando do torno, faz um mal papel, é um charlatão. Da mesma forma aquele que, podendo ter um torno e usá-lo, prefere tornear à mão, porque era assim que se fazia antes...

ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE TEORIA E IDEOLOGIA

Cabe aqui pontuar algumas diferenças entre o que habitualmente se chama teoria e ideologia.

A teoria aponta para a elaboração de instrumentos conceituais para pensar rigorosamente e conhecer profundamente a realidade concreta. É neste sentido que se pode falar da teoria como equivalente à ciência.

A ideologia, em troca, é composta de elementos de natureza não científica, que contribuem para dinamizar a ação, motivando-a, baseada em circunstâncias que, ainda que tendo relação com as condições objetivas, não derivam dela, no sentido estrito. A ideologia está condicionada pelas condições objetivas, ainda que não seja determinada mecanicamente por elas.

A análise profunda e rigorosa de uma situação concreta, em seus termos reais, rigorosos, objetivos, será assim uma análise teórica de caráter o mais científico possível. A expressão de motivações, a proposta de objetivos, de aspirações, de metas ideais, isso pertence ao campo da ideologia.

A teoria torna precisa, circunstancializa as condicionantes da ação política: a ideologia motiva-a e a impulsiona, configurando-a em suas metas "ideais" e seu estilo.

Entre teoria e ideologia existe uma vinculação estreita, já que as propostas destas se confundem e se apoiam nas conclusões da análise teórica. Uma ideologia será tanto mais eficaz como motor da ação política, quanto mais firmemente se apoie nas aquisições da teoria.

OS ALCANCES DO TRABALHO TEÓRICO

O trabalho teórico é sempre um trabalho que se sustenta e se baseia nos processos reais, no que acontece na realidade histórica. Sem dúvida, como trabalho, se situa inteiramente no campo do pensamento: não há conceitos que sejam mais reais que outros.

A respeito disso cabe pontuar duas proposições básicas:

1 - A distinção entre a realidade existente, concreta, os processos reais, históricos e por outro lado os processos do pensamento, apontados ao conhecimento e compreensão daquela realidade. É necessário, para dizer em outros termos, afirmar a diferença entre o ser e o pensamento, entre a realidade tal como é e o conhecimento que sobre ela se pode ter.

2 - A primazia do ser sobre o pensamento, da realidade sobre o conhecimento. Dito de outra maneira, é mais importante, pesa mais como determinante do curso dos acontecimentos o que se passa na realidade, do que o que sobre esses fatos se possa pensar ou conhecer.

A partir destas afirmações básicas, cabe realizar certos apontamentos para precisar os alcances do trabalho teórico, ou seja, o esforço do conhecimento guiado por propósitos de conhecimento rigoroso, científico.

O trabalho teórico é sempre realizado a partir de uma matéria prima determinada. Não parte do real concreto, da realidade propriamente dita, senão que parte de informações, de dados e noções sobre esta realidade. Este material primário é tratado, no processo de trabalho teórico, por meio de certos conceitos úteis, de certos instrumentos do pensamento. O produto deste tratamento é o conhecimento.

Dito em outros termos: só existem, propriamente falando, objetos reais, concretos e singulares (situações históricas determinadas, em momentos determinados). O processo do pensamento teórico tem por fim conhecê-los.

Às vezes o trabalho de conhecimento aponta para objetos abstratos, que não existem na realidade, que só existem no pensamento, mas que são instrumentos indispensáveis, condição prévia para poder conhecer os objetos reais (por exemplo o conceito de classe social, etc.). No processo de produção de conhecimento, portanto, se transforma a matéria prima (percepção superficial da realidade) em um produto (conhecimento rigoroso, científico, dela).

O termo "conhecimento científico" deve se tornar preciso no que diz respeito à realidade social. Aplicado a esta realidade, alude à sua compreensão em termos rigorosos, o mais aproximado possível da realidade tal como ela é.

Fica dito com isso que o processo de conhecimento da realidade social, como o de toda realidade objeto de estudo, é suscetível de um aprofundamento teórico infinito. Assim como a física, a química e outras ciências podem aprofundar infinitamente o conhecimento das realidades que constituem seus respectivos objetos de estudo, a ciência social pode aprofundar indefinidamente o conhecimento da realidade social. Por isso é inadequado esperar um conhecimento "acabado" da realidade social para começar a atuar sobre ela tratando de transformá-la. Não menos inadequado é tentar transformá-la sem conhecê-la a fundo.

O conhecimento rigoroso, científico, da realidade local, de nossa formação social, só se conquista trabalhando sobre informações, dados estatísticos, etc., por meio dos instrumentos conceituais mais

abstratos que proporcionam e constituem a teoria, Através da prática teórica busca-se a produção desses instrumentos conceituais, cada vez mais precisos e mais concretos, que conduzam ao conhecimento da realidade específica de nosso meio.

Somente a partir de uma compreensão teórica adequada, ou seja, profunda e científica, podem desenvolver-se elementos ideológicos (aspirações, valores, ideais, etc.) que constituem os meios adequados para a transformação de tal realidade social com coerência de princípios e eficácia na prática política.

A PRÁTICA POLÍTICA E O CONHECIMENTO DA REALIDADE

Uma prática política eficaz exige, portanto, o conhecimento da realidade (teoria), a postulação harmônica com ela de valores objetivos de transformação (ideologia) e meios políticos concretos para conquistá-la (prática política). Os três elementos se fundem em uma unidade dialética que constitui um esforço pela transformação social que o partido postula.

Pergunta-se: devemos esperar um desenvolvimento teórico acabado para começar a atuar? Não. O desenvolvimento teórico não é um problema acadêmico, não parte do zero. Se fundamenta, se motiva e se desenvolve a partir da existência de valores ideológicos, de uma prática política. Mais ou menos corretos, mais ou menos errôneos, estes elementos existem historicamente antes que a teoria, e motivaram seu desenvolvimento.

A luta de classes existiu muito antes de sua conceituação teórica. A luta dos explorados não esperou a elaboração do trabalho teórico que desse razão para ela desencadear-se. Seu ser, sua existência, foi anterior ao seu conhecimento, à análise teórica de sua existência.

Por isso, a partir dessa comprovação básica é que surge como fundamental e prioritário a atuação, a prática política. Somente a partir dela, em sua existência concreta, nas condições comprovadas de seu desenvolvimento, pode chegar a elaborar-se um pensamento teórico útil. Que não seja uma gratuita acumulação de postulações abstratas com mais ou menos coerência e lógica interna, mas sem coerência com o desenvolvimento de processos reais. Para teorizar com eficácia é imprescindível atuar.

Podemos prescindir da teoria em nossas urgências práticas? Não. Pode existir, admitimos, uma prática política fundamentada somente em critérios ideológicos, ou seja, não fundamentada ou insuficientemente fundamentada em adequadas análises teóricas. Isso é o habitual em nosso meio.

Ninguém poderá sustentar que existe, em nossa realidade e ainda na região americana, uma análise teórica adequada; uma compreensão conceitual suficiente, menos ainda. Esta comprovação é extensiva, por outra parte, ao conjunto da realidade. A teoria é esboçada em uma etapa apenas inicial de desenvolvimento. Apesar disto, há muitos decênios se combate, se luta. Esta comprovação não deve conduzir ao desdém da importância fundamental do trabalho teórico.

À pergunta formulada antes cabe responder então: o prioritário é a prática, mas na condição de eficácia desta radica no conhecimento o mais rigoroso da realidade.

Em uma realidade como a nossa, com a formação social de nosso país, o desenvolvimento teórico tem que partir, como em todas as partes, de um conjunto de conceitos teóricos eficazes, operando sobre uma massa o mais ampla possível de dados, que se constitua a matéria prima da prática teórica.

Os dados por si só, tomados isoladamente, sem um tratamento conceitual adequado, não dão noção da realidade. Simplesmente adornam e dissimulam as ideologias a cujo serviço se funcionalizam aqueles dados.

Os conceitos abstratos, em si mesmos, sem se encaixar em uma base informativa adequada, não aportam tampouco ao conhecimento das realidades.

O trabalho no campo teórico que se desenvolve em nosso país, flutua habitualmente entre ambos extremos errôneos.

O QUE É IDEOLOGIA?

Federação Anarquista Uruguia (FAU)

Todo atuar humano, em todas as vastas expressões de sua multiplicidade, pressupõe uma fundamentação ideológica que o sustenta como pensamento e ação. A esta condição inexorável do fazer do homem, não escapa a formulação de qualquer linha política, nem o processamento da prática política concreta. Portanto, é preciso definir a ideologia, que por trás de cada ato humano situa-se e faz compreensível esta ação. Então, isso nos coloca frente à pergunta. O que é ideologia?

Expressando-nos em termos concretos, ainda que totalmente rigorosos, podemos assegurar que a ideologia é uma estrutura conceitual que considera, fundamentalmente, duas finalidades, que vamos referir no político. Por um lado, a ideologia indica um objetivo para a prática política, propõe um modelo social a ser alcançado. Ou seja, que tem um propósito finalista. Não é possível conceber uma prática política revolucionária sem a formulação de uma finalidade. Assim, a ideologia forma parte organicamente, enquanto tal, de toda totalidade social.

Todo movimento que pretende transformar o mundo propõe um objetivo a alcançar, que implica em um modelo social de caráter ideal: uma utopia social, por assim dizer. Ainda aquelas teorias, como a marxista – insistiram que a prática política deve fundamentar-se em um estudo detalhado da realidade, na análise prevalente das chamadas condições objetivas ou reais – não deixam de formular um objetivo. E ainda quando o próprio Marx e seus seguidores procuraram determiná-lo em seus traços gerais, não deixam de constituir um modelo ideal expressado em termos abstratos e, portanto, de caráter utópico.

Podemos afirmar que o socialismo formula como objetivos traços utópicos, na medida em que a sociedade comunista do futuro só pode ser prevista em seus traços mais essenciais e gerais, naquilo que diz respeito a suas características. Contudo, não deixam de ser formulados como objetivos. E o que é mais importante, esta formulação como objetivo da sociedade comunista, condiciona o caráter do processo que as lutas deverão experimentar para seus ganhos. Em outros termos, quando tratamos do tipo de sociedade finalista para a qual nos inclinamos, implicitamente estamos condicionando os meios que vamos empregar para sua concretização. Ninguém pode determinar, seriamente, como objetivo final, a construção de uma sociedade comunista e empregar para isso um método de ação ou uma prática política que sejam próprios do patrimônio ideológico da burguesia.

Por outro lado, a ideologia cumpre com uma segunda finalidade essencial: proporcionar os elementos conceituais que permitam pensar a realidade. Uma ideologia é um sistema de representações, de imagens de idéias e de conceitos. E por que não dizer, que também integram este sistema os mitos. É muito importante não esquecer que o pensamento não é influenciado pelos conceitos e que estes são instrumentos tão concretos como qualquer outro. Assim como é necessário um martelo para pregar um prego, e ele deve ser fabricado, os conceitos são necessários para pensar, e eles devem ser produzidos. Precisamos de ferramentas conceituais para poder pensar.

A história do pensamento humano foi, e continua sendo, um processo de produção de instrumentos conceituais que vêm permitindo a possibilidade de conformar um pensamento científico. Por isso o trabalho dos teóricos socialistas foi inestimável, já que elaboraram e determinaram que fossem utilizados conceitos que permitiram compreender o funcionamento da sociedade capitalista, seus fundamentos, suas contradições, e prever qual será o decurso futuro da sociedade.

Os conceitos possuem uma existência e um papel histórico no seio de uma determinada sociedade. Graças a eles, e por sua influência, é possível aprender a realidade, entendê-la e transformá-la. É

vital, então, para a atividade política de qualquer organização revolucionária, não só formular um modelo social finalista em direção ao qual se deve caminhar, mas também conhecer, da maneira mais aprofundada possível, a realidade em que se atua e, com base nisso, realizar sua previsão de futuro. Carecer de alguns destes elementos é cair na grave contradição entre a prática política da organização e o processo histórico em que se atua. É incorrer em um erro que só pode ter como resultado a incoerência, a desintegração ou a contenção do fenômeno revolucionário. Erros deste tipo são: pensar que a realidade do Uruguai de hoje admite a possibilidade de voltar ao passado; supor que, por meio das instituições do sistema social vigente, é possível chegar à sua transformação, ou considerar que há possibilidade de desenvolvimento dentro das fronteiras capitalistas, que permita a superação das atuais dificuldades de caráter político e econômico-social.

A linha política e as formas organizativas da ação revolucionária devem resultar de uma análise da realidade e de uma previsão do futuro. Esta análise é processada por meio do pensamento e da ação em interação dialética. O sistema de representações e conceitos (que possui uma lógica e um rigor próprios), que investiga o porquê e o para quê da realidade social, é o que permite a revisão, e que, por sua vez, condiciona a ação política concreta.

Voltando a nossa primeira afirmação: não é possível pensar nem agir sem ideologia, não há conduta humana a ideológica; a ideologia é pensamento e ação. De maneira esquemática, poderíamos dizer que a ideologia é uma estrutura ou sistema de conceitos que permite:

1. A formulação de um objetivo finalista (que deve ser explicado da maneira mais clara possível).
2. A apreensão ou compreensão definida da realidade em que se vive, por meio de sua análise profunda e exaustiva.
3. A previsão mais aproximada possível do futuro desta realidade, de sua transformação, tanto naquilo que seja espontâneo, quanto deliberado. Ou seja, em nosso caso, a ideologia não admite o caráter de espectador interessado e analítico das condições ou transformações espontâneas da realidade, mas nos obriga a pensar voluntariamente, voluntariosamente, no sentido de seu futuro...

* Retirado de Juan Mechoso. *Acción Directa Anarquista: una historia de FAU*. Montevideo: Recortes, s/d, pp. 223-224.

* **Tradução: Felipe Corrêa**